Revista de Estudios Clásicos. Num. 60 · publicación continua
JULIO-DICIEMBRE 2026. Pp 1-12
ISSN 0325-3465 · ISSN (en línea) 2469-0643
https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/revistaestudiosclasicos
Recibido: 15.08.25 l Aceptado: 21.04.26

Las *Heroinae* de Scaligero: introducción, traducción y notas de los poemas de personajes contemporáneos

Scaliger's Heroinae: Introduction, Translation, and Notes on the Poems of Contemporary Figures

Thamara Martins Santos de Morais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
thamara.martins@letras.ufrj.br
https://orcid.org/0009-0006-2349-4746

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Universidade Federal do Rio de Janeiro
fabiofrohwein@letras.ufrj.br
https://orcid.org/0000-0003-2364-0011

Resumen

El artículo presenta una introducción, traducción y comentario de parte de la obra *Heroína* (1561) de Giulio Cesare Scaligero (1484–1558), un humanista del Renacimiento y defensor del purismo lingüístico ciceroniano. *Heroinae* comprende 107 poemas en dísticos elegíacos dedicados a figuras femeninas históricas, mitológicas y modernas. Para esta traducción anotada, hemos seleccionado poemas centrados en personajes contemporáneos tales como Constância Rangonia, Vitória Colonna y Camilla Scarampa. La introducción delinea brevemente las características del autor y su trabajo, su ideal a cerca de la imitación clásica y la tensión entre el Humanismo y las limitaciones existentes para la educación femenina durante el Renacimiento. Discutimos cómo *Heroinae* resalta las virtudes cívicas femeninas, desafiando los estereotipos contemporáneos. La traducción en prosa intenta conciliar la fidelidad al contenido con la claridad en portugués, mientras se mantiene el tono clasicista y la imaginería poética del original. Las notas explicativas proveen contexto para los personajes, fuentes ambiguas y opciones de traducción. Al hacer disponible esta obra en portugués, el artículo contribuye al estudio de las poéticas del Renacimiento latino y la representación de las mujeres en el discurso humanista mediante

Palabras clave: Giulio Cesare Scaligero - Poesía latina - Renacimiento - Representación de las mujeres en el Humanismo - Traducción

Abstract

The paper presents an introduction, translation, and commentary on part of the work *Heroinae* (1561) by Giulio Cesare Scaligero (1484–1558), a Renaissance humanist and advocate of Ciceronian linguistic purism. *Heroinae* comprises 107 poems in elegiac couplets dedicated to historical, mythological, and modern female figures. For this annotated translation, we have selected poems focused on contemporary characters such as Constância Rangonia, Vitória Colonna and Camilla Scarampa. The introduction briefly outlines the author and his work, his ideal of classical imitation, and the tension between Humanism and the limitations placed on women's education during the Renaissance. We discuss how *Heroinae* highlights female civic virtues, challenging contemporary stereotypes. The prose translation aims to strike a balance between fidelity to content and clarity in Portuguese, while preserving the classicizing tone and original poetic imagery. Explanatory notes provide context for the characters, ancient sources, and translation choices. By making this previously untranslated work available in Portuguese, the article contributes to the study of Renaissance Latin poetics and the representation of women in humanist discourse.

Keywords: Giulio Cesare Scaligero – Latin poetry – Renaissance – Representation of women in Humanism - Translation humanism.

1. Introdução

Julius Caesar della Scala (Giulio Cesare Scaligero) nasceu em 1484 em Riva, no Lago di Garda e morreu em 1558 em Agen, na França. Considerado um dos maiores eruditos do Renascimento italiano, o autor publicou os seguintes livros em vida: *Discurso a favor de Cícero contra o Ciceroniano de Erasmo* (1531); *Sobre os limites do cômico* (1539); *Treze livros sobre as causas da língua latina* (1540); *Dois livros contra os dois livros de Aristóteles sobre as plantas* (1556); e *Exercitações públicas acerca da sutileza contra Cardano* (1557). Após sua morte, foram impressos: *Seis livros poéticos* (1561); *Comentários e advertências contra o* De causis plantarum *de Teofrasto* (1566); *Sete livros sobre a sabedoria e a felicidade* (1573); *Primeiros tomos de miscelâneas acerca das causas e efeitos das coisas* (1570), *O livro da história dos animais de Aristóteles, com tradução para o latim e comentários* (1584); e, enfim, *Epístolas e discursos* (1600). A julgar pelos títulos, podemos notar que Escalígero dedicou-se não somente a gêneros literários diversificados – poesia, oratória, epístola –, bem como a áreas do conhecimento variadas, como crítica literária, gramática, música, botânica, zoologia e filosofia, o que vai ao encontro do espírito do intelectual renascentista, interessado em todos os assuntos que dizem respeito ao ser humano.[1] Embora Escalígero seja considerado um dos maiores expoentes dos autores ciceronianos, nenhuma de suas obras foi traduzida ainda no Brasil.

Os poemas cujas traduções serão apresentadas na segunda parte deste artigo integram a obra *Heroinae*,[2] coletânea de poemas publicada nos *Seis livros poéticos* de Escalígero. Em *Heroinae*, o autor reuniu 107 poemas todos em dístico elegíaco com extensão variável, desde 4 a 28 versos. Todos esses poemas são intitulados com nomes de personagens mormente femininas e apresentam personagens históricas antigas, históricas modernas e mitológico-lendárias, dentre as quais, selecionamos, para este artigo, os poemas relacionados ao segundo grupo.

A título de exemplo, mencionamos Constância Rangonia (1495 – 1567), nobre italiana casada com o conde Cesare Fregoso, protetor de Matteo Bandello, homenageado no poema de abertura deste livro. Após a morte de seu marido, Rangonia e Matteo refugiaram-se em Agen. Ela conhecia Escalígero, e ele a celebrou em seus versos, não só neste livro como também na obra *Thaumantia*. (Balsamo, 2007). Outro importante exemplo de personagem feminina desse grupo de poemas é Vitória Colonna (1492 – 1547), filha de Fabrizio Colonna (célebre militar de Nápoles) e de Agnese de Montefeltro; mulher notável na península itálica durante o séc. XVI; casada com Fernando de Ávalos (marquês de Pescara), que morreu na batalha de Pávia; poetisa, mediadora política e reformadora religiosa. Em 1514, entrou para o convento de Santa Ana, onde morreu (Brundin, 2008). Um terceiro e

[1] Hall, 1950.

[2] Utilizamos, neste artigo, o texto dos poemas conforme a edição de 1591, cujo exemplar se encontra depositado na Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Nosso contato com esta obra deu-se em função do projeto de extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, coordenado pelo prof. dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz em parceria com a FBN.

CC BY-NC-SA 2.5 AR

último exemplo de personagem feminina é Camilla Scarampa (1470/1475 – 1548), nascida em Asti (Itália) e membro de uma nobre família de sua cidade. Seu pai foi Scarampo (senador de Milão em 1476 e conselheiro secreto em 1479); sua mãe, Margherita. Quanto à vida de Camilla, as notícias são escassas. O que se sabe é que ela estudou latim e teve como mestre o humanista Giuliano Montano. Em 1500, casou-se com Ambrogio Guidobono (pretor de Gênova), com quem teve três filhos: Antonia, Nicolò Cesare e Fabrizio. Camilla foi uma grande poetisa, elogiada por Bandello, que até citou alguns de seus versos em seus sonetos (Tarsi, 2018).

De acordo com Eugenio Garin (1986), o humanismo italiano, já nas obras de Francesco Petrarca (1304 – 1374), apresentava duas características essenciais: a valorização das letras como fonte de conhecimento e a preocupação com o desenvolvimento do caráter social do indivíduo para a constituição de uma verdadeira sociedade. Inspirado por Petrarca, Leonardo Bruni (1370-1444) também acreditava numa forte conexão entre cultura e vida social. Para Bruni, o objetivo central da educação humanista completa era abrir os olhos do homem para a virtude cívica. Em sua tradução da *Política*, de Aristóteles, Bruni afirma que:

> "[E]ntre os ensinamentos morais com os quais se forma e se educa a vida humana, importam de certa forma os que dizem respeito aos Estados e ao seu governo, visto que esta disciplina tende a proporcionar a felicidade a todos os homens" (Bruni apud Garin, 1986: 52).

Sendo assim, Bruni priorizava os interesses da cidade, local por excelência onde as coisas existiam e estavam preservadas, retomando o pensamento de Sócrates, que afirmava não se interessar pelo que se encontrava fora de sua cidade.

A educação humanista, no entanto, não se dispunha igualmente ao acesso de todos da cidade. O cronista Giovanni Villani (1276-1348) relata, em uma de suas crônicas que, na Florença de sua época, homens e mulheres iam para as escolas elementares para aprender a ler, mas só os rapazes prosseguiam nos estudos. Conforme Margaret King (1991), as mulheres pobres não recebiam instrução durante o Renascimento, a não ser para desempenharem algum ofício. Já as mulheres das classes média e alta recebiam uma educação voltada para a vida doméstica e matrimonial, como a costura, a literatura devocional e o exercício do silêncio e da obediência. Nesse período, houve a necessidade de proporcionar às mulheres uma certa formação educacional, mas com alguns cuidados, pois julgava-se que havia assuntos inoportunos para elas. Para a sociedade da época, às mulheres eram apropriados o ensino das sagradas escrituras, as boas maneiras e os preceitos morais simples; já o que se considerava inapropriado era o estudo da ciência, da filosofia e da retórica. O objetivo era manter as mulheres ocupadas em casa, já que não deviam sair a não ser para a igreja.

As mães de família deveriam ensinar as suas filhas a costurar, a cozinhar, a arrumar a casa, a tecer, a bordar; mas elas não poderiam ser ensinadas a ler, pois seu único papel seria o de uma mulher casada. Conforme Margaret King (1991), o ensino da leitura e da escrita para as mulheres já se encontrava mais difundido na Europa como um todo em 1683, mas elas ainda não deveriam receber instrução em latim, que continuava como um privilégio dos filhos homens. Por essas e outras razões, as agulhas e os fusos se tornaram um símbolo de sujeição das mulheres. No entanto, alguns colégios aristocráticos permitiam que as mulheres tivessem acesso à educação secundária e aprendessem latim, italiano, geografia, composição e educação religiosa. Porém, foi com o protestantismo que a educação secundária se tornou mais acessível a meninas, ainda que em caráter religioso.

Durante o Renascimento italiano, foram poucas as mulheres que obtiveram uma educação mais elevada, mas é possível encontrarmos, nesse período, mulheres eruditas. No séc. XV, na Itália, a instrução para as mulheres atingira o seu auge, surgindo um novo ideal de educação feminina. Ao invés de aprenderem a fiar, coser e tecer, passaram a desenhar, dançar, falar línguas e tocar música, começando a aparecer mulheres humanistas muito bem instruídas em latim e em grego, entre elas: Isotta Nagarola (1418-1466), Laura Ceretta (1469-1499) e Olimpia Morata (1526-1555) – das quais ainda se conservam alguns escritos –, mas todas elas enfrentavam oposição da comunidade intelectual masculina. Jean Delumeau (1984) menciona, entre as mulheres renascentistas eruditas, a poetisa Vittoria Colonna (1490-1547),

CC BY-NC-SA 2.5 AR

marquesa de Pescara, e Margarida de Navarra (1491-1549), considerada uma mulher sábia que contribuiu para a difusão de Platão na França.

Para Delumeau, a vida na corte, além de valorizar as mulheres, permitiu-lhes conquistar mais espaço nesse microcosmo social. Baldassare Castiglione (1478-1529), autor de *O cortesão*, deu às mulheres que viviam nas cortes o nome de *donna di palazzo* (mulher do palácio). Devido a isso, algumas mulheres atuaram na formação educacional de muitos cortesãos. Um exemplo disso é Margarida de Navarra, que ensinou a respeitar as mulheres e sua reputação. Delumeau salienta que, graças ao surgimento de mais mulheres sábias e instruídas e à aparição de mais colégios, deu-se a evolução da sociedade para algo menos grosseiro, mais nobre e que respeitava mulheres e crianças. Dessa forma, algumas mulheres renascentistas chegaram a exercer importantes papéis na sociedade e na condução dos acontecimentos.

Ainda assim, segundo Margaret King (1991), a mulher, em obras literárias renascentistas, eraassociada geralmente a três imagens: a mãe – fecunda e produtiva, garantia de riqueza e honra para a família; a velha-viúva – trabalhadora, dependente e degenerada, pois abandonara seus filhos e família, ou seja, a inimiga isolada da sociedade; e a filha-virgem – temível fardo ou elemento para conquistar uma riqueza, criatura completamente esquecida. Embora Margaret King afirme que a literatura renascentista enfatizou essas três imagens femininas, as *Heroinae* de Escalígero apresentam inúmeros poemas contendo mulheres com virtudes cívicas. Trata-se de uma característica marcante nessa obra do humanista.

Se, por um lado, a crítica historiográfica tem sublinhado as limitações impostas à educação feminina no Renascimento, por outro, a leitura atenta das *Heroinae* revela que Escalígero constrói, por meio de sua poética, um espaço discursivo no qual tais limitações são tensionadas e, em certa medida, reconfiguradas. Mais do que simples exercícios de erudição humanista ou elogios convencionais, os poemas dedicados às personagens contemporâneas operam como dispositivos retóricos de revalorização simbólica da mulher, sobretudo no que diz respeito à sua inserção no campo das virtudes cívicas e intelectuais.

Nesse sentido, observa-se que o procedimento elogioso não se limita à atribuição de qualidades morais genéricas, mas se articula por meio de imagens poéticas que aproximam as figuras femininas do universo divino e da tradição clássica, conferindo-lhes autoridade simbólica. No poema dedicado a Constância Rangonia, por exemplo, a personagem é descrita como alguém que, mesmo após a perda das “Perdidas as honrarias e as ilustres auras do poder”,[3] “ensinou que é possível desprezar o medo dos fados”.[4] Essa formulação não apenas inscreve Rangonia no campo da *virtus* estoica, mas também a posiciona como modelo exemplar de conduta, deslocando-a da esfera doméstica para uma dimensão ética universal. Trata-se, portanto, de um elogio que transcende a circunstância biográfica e adquire valor normativo.

Esse movimento torna-se ainda mais evidente no poema dedicado a Vitória Colonna, em que o eu lírico afirma que “uma única e só Vitória dar-te-á uma e outra coisa”,[5] isto é, tanto as honras antigas de Roma quanto os novos encantos da Etrúria. A hipérbole aqui empregada não deve ser lida apenas como recurso retórico ornamental, mas como estratégia de construção de autoridade: Colonna é apresentada como síntese entre tradição e renovação, ocupando um lugar central no imaginário humanista. Ao mesmo tempo, a advertência “e tu, também tu, agora mesmo, toma cuidado para que não sejas superada”[6] introduz uma tensão interessante, sugerindo que a grandeza da personagem ultrapassa os parâmetros habituais de comparação, inclusive os masculinos.

Além disso, a recorrente assimilação das mulheres às Musas, às deusas ou a figuras mitológicas não constitui mero ornamento erudito, mas desempenha uma função crítica no interior do discurso. No poema sobre Angela Nagarola,

[3] No original: “*Fascibus amissis, regnique illustribus auris,*” (v. 5).

[4] No original: “*Fatorum docuit spernere posse metum.”* (v. 6).

[5] No original: “*Una utrunque tibi, dabit [et] Victoria sola:*” (v. 3).

[6] No original: “*Tuque, [et] tu interea ne superere, caue*.” (v. 4).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

por exemplo, a lamentação pela morte da poetisa é formulada em termos que evocam a perda de uma "décima Musa",[7] cuja ausência compromete o próprio sistema simbólico da poesia: " a parca bárbara aniquilou, com insana mão, os ritmos e a modulação e o som da doce lira" [8]. Aqui, a mulher não é apenas objeto de representação, mas condição de possibilidade da própria atividade poética, o que subverte, ainda que de modo implícito, a exclusão feminina dos espaços de produção intelectual.

De modo semelhante, no poema dedicado a Camilla Scarampa, a tensão entre guerra e pudor ("As guerras, que a rainha dos Volscos outrora invocava, concluiria feroz: o pudor ensinou que persistisse."[9]) revela uma complexa articulação entre virtudes tradicionalmente masculinas e femininas. Camilla é simultaneamente forte e moderada, ativa e contida, o que sugere uma redefinição das categorias de gênero no interior da poética escaligeriana. A afirmação de que "não só sua postura mas força também são maiores do que o sangue mortal"[10] intensifica esse efeito, elevando-a a um estatuto quase sobre-humano.

Outro aspecto relevante diz respeito à autorreflexividade do discurso poético. Em diversos momentos, o eu lírico reconhece os limites de sua própria linguagem diante da grandeza das figuras celebradas, como no caso de Camilla: "[F]oi grandiosa, embora não fosse possível que ela se expressasse por inteiro"[11]. Tal reconhecimento não apenas reforça o elogio, mas também explicita o caráter construído e insuficiente da representação, abrindo espaço para uma leitura crítica da relação entre linguagem, gênero e poder.

Por fim, é importante notarmos que a valorização da mulher nas *Heroinae* não se dá de maneira homogênea ou isenta de ambiguidades. Em alguns poemas, como o de Lucrécia, a intensidade da experiência feminina é representada em termos que beiram o excesso ou o perigo ("observa as luzes celestiais do vulto sidéreo, se, contudo, és capaz de suportar estes tamanhos fulgores"[12]), sugerindo que o acesso a esse universo de virtudes e saberes implica também riscos. Essa ambivalência, longe de enfraquecer o projeto poético de Escalígero, contribui para sua complexidade, permitindo que os poemas sejam lidos não apenas como celebrações, mas como espaços de negociação simbólica.

Dessa forma, ao articular tradição clássica, imagética mitológica e experiências históricas concretas, Escalígero constrói, nas *Heroinae*, um discurso que, embora inserido no horizonte do humanismo renascentista, propõe uma reconfiguração significativa da representação feminina. A apreciação das traduções aqui apresentadas permite evidenciarmos esses mecanismos, demonstrando que a obra não se limita a refletir seu contexto, mas intervém ativamente no debate sobre o lugar da mulher na cultura letrada do período.

2. Tradução e notas

De acordo com Keith Sidwell (2017), a tradução de textos neolatinos deve ser concebida como instrumento fundamental de mediação entre o original latino e um público frequentemente não especializado, exigindo, portanto, um equilíbrio rigoroso entre fidelidade semântica e inteligibilidade na língua de chegada. Sendo assim, nossa opção pela tradução em prosa pautou-se sobretudo por critérios de fidelidade semântica, clareza e acessibilidade. A recriação dos dísticos elegíacos em verso implicaria restrições métricas que poderiam distorcer o sentido, simplificar imagens poéticas e comprometer a densidade retórica do latim neolatino de Escalígero. A prosa, por sua vez,

[7] No original: "*decimam Musam*" (v. 1).

[8] No original: "*Heu dulcis numerosque lyrae, flexumque sonumq[ue] / Obruit insana barbara parca manu.*" (v. 3-4).

[9] No original: "*Bella ferox quae Volsca olim regina ciebat, / Perficeret: docuit continuisse pudor.*" (v. 3-4).

[10] No original: "*Et status, et robur mortali semine maius.*" (v. 5).

[11] No original: "*tamen se / Totam non potuit dicere, tanta fuit.*" (v. 9-10).

[12] No original: "*Aspice siderei caelestia lumina vultus: / Si tamen haec potis es fulgura tanta pati.*" (v. 1-2).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

oferece maior flexibilidade sintática e lexical, permitindo explicitar relações implícitas e preservar com mais precisão o conteúdo e as nuances do original. Além disso, considerando o público não especializado, a prosa favorece uma leitura mais fluida e compreensível, funcionando como instrumento eficaz de mediação. Ainda assim, buscou-se manter um tom elevado e classicizante por meio de escolhas estilísticas cuidadosas. Trata-se, portanto, de uma decisão metodológica que privilegia o rigor interpretativo e a inteligibilidade, sem abandonar a dimensão literária do texto.

Sidwell (2017) recomenda ainda que a tradução preserve, ao menos em parte, a forma e o ritmo do original, de modo a evitar a descaracterização de sua natureza literária e retórica. Além disso, a tradução deve procurar refletir não apenas o conteúdo, mas também os níveis de registro, as nuances semânticas e as escolhas estilísticas do autor, funcionando, assim, não como mera paráfrase, mas como uma interpretação filologicamente informada do texto. Dessa forma, nossa proposta de tradução dos poemas selecionados das *Heroinae* de Scaligero centrou-se na tentativa de emular em português dois elementos essenciais: conteúdo e estilo de linguagem. Por conteúdo, referimo-nos à mensagem original e, sobretudo, às imagens poéticas elaboradas pelo autor por meio de figuras de linguagem, como metáforas, metonímias, entre outras. Dessa forma, buscamos reconstruir essas imagens em português, preocupando-nos em explicitá-las e, assim, torná-las mais perceptíveis ao leitor. No poema dedicado a Lucrecia, por exemplo, traduzimos a passagem em que o eu lírico exorta o leitor a acolher a força da oratória daquela mulher (“*Excipe magniloquae torrentia flumina linguae*”, v. 3), empregando, para *torrentia flumina*, “rios torrenciais” em lugar de “rios que correm”, que seria uma tradução mais literal e enfraquecida: “Acolhe os rios torrenciais de sua língua grandiloquente”.

Com relação à linguagem, nossa proposta reflete a preocupação de emularmos, em português, o estilo classicizante de Scaligero. De acordo com Núñez Gonzáles (1991), houve, no Renascimento italiano, um grupo de humanistas que defendiam a imitação de Cícero, os chamados ciceronianos ortodoxos. Por extensão, esses humanistas somente concediam a qualidade de bom latim (*Latinitas*) a autores da época de Cícero, considerada a fase de perfeição da língua latina, de modo a restringirem o léxico às palavras utilizadas pelo referido orador ou por outro autor de sua época e a condenarem taxativamente a criação de neologismos, inclusive, a formação de palavras derivadas. Os ciceronianos mais radicais chegavam a recriminar formas flexionadas de uma palavra que não estivessem documentadas em obras da época de Cícero. No poema dedicado a Mateo Bandello, por exemplo, o autor recorre ao termo arcaico e altamente legitimado pela tradição clássica *uates* (v. 4) em vez de sinônimos vulgares ou tardios. Da mesma forma, no poema em memória de *Isabella Salerna*, o vocabulário restringe-se a termos consagrados da religiosidade romana clássica, como *lares* e *penates* (v. 10-11), evitando qualquer léxico pós-clássico ou neologismo cristão para se referir à morada pós-morte, mantendo-se estritamente fiel à pureza do vocabulário latino tradicional.

Dessa forma, em nossa proposta de tradução, priorizamos uma seleção vocabular que refletisse essa obsessão ciceroniana pelo clássico. Para tal, buscamos sinônimos de substantivos, adjetivos e verbos que conferissem ao texto traduzido um estilo de linguagem mais próximo da poesia brasileira do séc. XIX, como, por exemplo, confore já citado anteriormente, no poema dedicado a Lucrecia, na passagem *“Excipe magniloquae torrentia flumina linguae”* (v. 3), optamos por traduzir o sintagma *“torrentia flumina”* por “rios torrenciais” em vez de alternativas mais neutras, como “correntes de água”, a fim de preservar a força trágica, solene e grandiloquente do original. Um segundo recurso que utilizamos para atingir esse efeito estilístico — bem ao gosto de nossos poetas novecentistas — é a recorrência à inversão sintática (hipérbato). Esse recurso pode ser verificado no poema de Hippolyta Taurella: *“Complebunt ripas lactea verba tuas”* (v. 4). Em nossa proposta, optamos por transpor a estrutura latinizante por meio da inversão: “as tuas margens inundarão as lácteas palavras”, em lugar de uma ordem direta e empobrecida como “as palavras lácteas inundarão as tuas margens”. Outro exemplo está no poema de Camilla Scarampa: *“Scribentisque Erato mulcet amica manum”* (v. 8). (“amiga, Érato enleia sua mão, dela que escreve”) a opção pelo verbo “enleiar” para o latim *“mulcet”*, em detrimento de opções excessivamente coloquiais como “amaciar”, reforça o tom elevado que caracteriza a emulação do estilo classicizante de Scaligero.

CC BY-NC-SA 2.5 AR

No entanto, a tentativa de emular em português conteúdo, estilo de linguagem e, sobretudo, imagens poéticas levou-nos, paradoxalmente, a adotar escolhas que, por vezes, implicaram algumas "tendências deformadoras" definidas por Antoine Berman (2012). A primeira e mais inevitável delas foi a racionalização, relacionada à alteração de frases e sequências de frases do texto de partida, com o objetivo de (re)arrumá-las de acordo com uma determinada ideia da ordem do discurso de chegada: *"Aspice siderei caelestia lumina vultus"* (v. 1). Em nossa proposta -"Observa as luzes celestiais do vulto sidéreo"-, priorizamos a ordem sintática direta em língua portuguesa (Verbo + Objeto Direto + Adjunto Adnominal), desfazendo o forte hipérbato do original latino, que intercalava os elementos (*siderei* modificando *vultus*, e *caelestia* modificando *lumina*). Optou-se por essa reorganização em nome da clareza sintática e da fluidez de leitura no sistema gramatical de chegada.

Outro procedimento muito necessário foi a clarificação, que adotamos para tornar mais definido semântica e sintaticamente, no texto de chegada, um elemento que se mostrava indefinido no texto de partida: *"His, inquit, miseras ignibus uret aquas" (v. 2). Em nossa proposta de tradução -"*Incendiará [minhas] pobres águas com estas chamas*"-, notamos a necessidade de explicitar ao colocarmos o pronome possessivo "minhas" para fazer referência ao Míncio e não a Ippolita.* Cabe dizermos que esse tipo de procedimento foi o maior responsável pelo fato de nossa tradução ter ficado mais extensa que o original, o que, de resto, costuma ocorrer com traduções de textos produzidos em línguas sintéticas como latim e grego.

Por fim, resta-nos mencionar as notas que foram acrescidas às traduções, que ajudarão o leitor a conhecer melhor tanto as personagens que serviram de inspiração para os poemas de Scaligero quanto alusões sutis que se encontram em palavras e/ou expressões. Além disso, mencionamos as fontes primárias para que o leitor possa consultá-las, se desejar um estudo mais detalhado sobre essas personagens, geralmente consistindo em obras literárias de autores gregos ou latinos.

Para Mateo Bandello[13]

> Ide, minhas divas heroínas, raça divina, por onde um novo Pégaso[14] repele as águas Aônias,[15] para aqui, onde [ele] próprio, como herói, acumula divinas honras e, como poeta, torna verdadeiros os vates. Devido à [sua] inteligência, eloquência e aprazível engenho, Bandello quer foi a honra, quer o temor das Musas.[16] Ele que tem tantas vozes quanto Febo sob o peito; ele que canta tantas palavras quanto alcança os deuses com a voz. Não poderias ser admitido em melhor local, em melhor retiro: [isso] é lícito que todo homem possa constatar. Desejarás, formosa mulher, ser contemplada? Não existe olho algum mais rigoroso: [Bandello] avalia todas as deusas. Desejas ser ouvida, eloquente mulher? Nenhum ouvido é mais benévolo: Apolo[17] concede-lhe seus ritmos. E tu também, cruel guerreira, esperarás em vão. Receberás da divina voz prêmios de louvor. Tu também, Rangonia,[18] que tens nobre semblante, seja como

[13] Poeta, escritor e frade católico, que pertenceu à Ordem dos Pregadores (também conhecida como Ordem de São Domingos ou Ordem Dominicana, cujos objetivos eram a pregação da palavra e da mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo), mas que a abandonou para se dedicar à política (Chisholm, 1911).

[14] Cavalo alado associado ao mito de Perseu e Medusa, nascido do sangue da Medusa quando ela foi decapitada pelo referido herói (Grimal, 1993). Provavelmente, Escalígero associa a imagem de Pégaso a Matteo Bandello.

[15] Região da antiga Beócia, na Grécia central, em que se localizam as montanhas do Hélicon e do Citéron, sagradas para as Musas, a quem Ovídio chama de *Aonides* (Chisholm, 1911).

[16] Entidades a quem era atribuída a capacidade de inspirar tanto a criação artística quanto a científica. Correspondem às nove filhas de Mnemósine (Memória) e de Zeus: Calíope, a da bela voz – poesia épica; Clio, a proclamadora – história; Erato, a amável – poesia lírica; Euterpe, a doadora de prazeres – música; Melpômene, a poetisa – tragédia; Polímnia, a de muitos hinos – música cerimonial/sacra; Tália, a que faz brotar flores – comédia; Terpsícore, a rodopiante – arte; e Urânia, a celestial – astronomia e astrologia (Grimal, 1993).

[17] Filho de Zeus e Leto, irmão gêmeo de Ártemis. Venerado como o deus do sol, da poesia, da profecia, das artes, da música, da cura, da justiça, da lei, da ordem, do tiro ao alvo e da peste (Grimal, 1993).

[18] Nobre italiana, casada com o conde Cesare Fregoso, protetor de Matteo Bandello. Escalígero dedicou a Rangonia o segundo poema das *Heroinae*. Cf. nota 13.

CC BY-NC-SA 2.5 AR

deusa ou se existe algo mais imponente do que os deuses, adentra, com divina marcha, o templo deste que [te] invoca, que te oferece os primeiros incensos[19] para serem queimados em piedosos altares. Tu própria admirarás teu nume por meio deste nosso espelho.[20] Quanto ao mais, haverá grande turba devido a teus méritos. Áurea, santa, feliz coorte, a quem vastíssima parte do céu se abre: mas que não te inveja as [oferendas]: és [uma mulher] simples, e tua grandíssima Virtude, diminuída por [estes] versos desiguais,[21] [mas] [Bandello] restituirá [tuas] agradáveis riquezas. Que tu, conquanto não nasceste junto à aura da fonte do Parnaso,[22] ao menos busques o Parnaso depois dos teus fados.

Constância Rangonia, [esposa] de Cesare Fregoso[23]

Rangonia, apresentando sempre um equilibrado semblante e um aplacado ímpeto de alma, tendo a Deusa como [sua] mente, florescendo graças ao poder e às fortes armas de [seu] cônjuge, recebeu, na voz, o néctar de um despojado coração. Perdidas as honrarias[24] e as ilustres auras do poder, ensinou que é possível desprezar o medo dos fados.

Vitória Colonna,[25] Marquesa de Pescara[26]

Quer se [tu], Roma, prometas a ti antigas honras; quer se tu, Etrúria, peças a Clio[27] novos encantos: uma única e só Vitória dar-te-á uma e outra coisa: e tu, também tu, agora mesmo, toma cuidado para que não sejas superada. Ouvir não é seguro. O preço, a estupefação. Perece [minha] audaciosa pretensão. Sigo, observando: mas fujo, ao experimentar.

Angela Nagarola,[28] tia avó

Por sob a décima Musa,[29] o uso de tríplice língua jaz cativo neste tênue pó de cinzas. Ah!, a parca bárbara, aniquilou, com insana mão, os ritmos e a modulação e o som da doce lira. Oh Mnemósine,[30] divina prole, oh Camenas, turba piedosa, não recebeis este túmulo como um lugar do Hélicon?[31]

[19] Isto é, os versos de abertura do livro.

[20] Ou seja, o poema que espelha o reflexo de Rangonia.

[21] Ou seja, o dístico elegíaco, formado hexâmetro e pentâmetro datílicos.

[22] Montanha situada na antiga cidade de Delfos. Na mitologia grega, uma das residências de Apolo e das nove Musas (Palmer, 1965).

[23] Nobre italiana casada com o conde Cesare Fregoso, protetor de Matteo Bandello, homenageado no poema de abertura deste livro. Após a morte de seu marido, Rangonia e Matteo refugiaram-se em Agen. Ela conhecia Escalígero, e ele a celebrou em seus versos, não só neste livro como também na obra *Thaumantia* (Balsamo, 2007).

[24] Isto é, os fasces que serviam de insígnia de poder para os cargos dos magistrados. Com o tempo, eles adquiriram função simbólica de honraria.

[25] Filha de Fabrizio Colonna (célebre militar de Nápoles) e de Agnese de Montefeltro; mulher notável na península itálica durante o séc. XVI; casada com Fernando de Ávalos (marquês de Pescara), que morreu na batalha de Pávia; poetisa, mediadora política e reformadora religiosa. Em 1514, entrou para o convento de Santa Ana, onde morreu (Brundin, 2008.).

[26] Comuna italiana da região de Abruzos.

[27] Musa da história (Grimal, 1993).

[28] Nascida em Verona, filha do cavaleiro Antonio Nagarola; poetisa e escritora italiana cujo estilo era apreciado embora se afastasse do clássico. Dedicou-se à literatura e à poesia de expressão latina, principalmente sobre o tema da religião (Cox, 2008).

[29] Epíteto de Safo (630 - 570 a.C.), poetisa grega da ilha de Lesbos, apelidada de décima Musa.

[30] Deusa da memória e mãe das nove Musas (Grimal, 1993).

[31] Montanha da Beócia consagrada a Apolo e às Musas (Ovídio, 2017).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

Gineura,[32] irmã de Rangonia[33] e Guido[34]

Notável Rangonia, que todos os germens do grande Deus igualem as proles de ambos os sexos. É incerto se o irmão se torna notável devido à divina irmã ou se a irmã se torna ilustríssima devido ao ilustre irmão.

Para Camilla Scarampa[35]

Juntando admiráveis espetáculos dos deuses a várias causas, Camilla produziu feitos grandiosos com um único e mesmo seio. As guerras, que a rainha dos Volscos[36] outrora invocava, concluiria feroz: o pudor ensinou que persistisse. Não só sua postura mas força também [são] maiores do que o sangue mortal. Que, vencida pelo seu lume, Vênus fuja de seu rosto. Que os méis do Himeto[37] se difundam por meio de [seus] divinos lábios: e, amiga, Érato[38] enleia sua mão, dela que escreve. Como fosse capaz de tudo por meio do dizer e do fazer, [Camila] foi grandiosa, embora não fosse possível que ela se expressasse por inteira.

Ippolita Torelli[39] [esposa] de Baldassare Castiglione[40]

Quando o Míncio[41] percebeu os arrebatadores olhinhos de Ippolita, disse: "Incendiará [minhas] pobres águas com estas chamas". Contém, almo pai, a rápida fuga, porque as tuas margens inundarão as lácteas palavras com doce néctar.

Veronica Gambara[42]

Se algum lugar, ainda, destina-se à sagrada sombra do Permesso[43] e aos novos sentimentos e aos numes, concedei aqui. Se não existe: eu, sozinha, restabelecerei outro [lugar] a mim, semelhante aos antigos sentimentos e numes.

Andietta Ruppia,[44] esposa

Muito difícil, ponderando muito todas as coisas, juiz severo e o único mais duro do que os antigos antepassados, e habituado a examinar anotações com o moroso olho, desdenhara as magnânimas deusas em todo o orbe. Em mim unicamente, fincou aqueles lentos vestígios da alma, cultuando os grandes numes, conforme o ritual do

---

[32] Nobre italiana, filha do conde Niccolò Maria Rangoni e de Bianca Bentivoglio. Amante das letras e escritora, foi retratada na pintura *Retrato de uma senhora* de Correggio (pintor italiano) em 1518, com um vestido de viúva. Essa pintura teria sido encomendada por ela para que pudesse se casar novamente (Berselli, 1978).

[33] Cf. nota 13.

[34] Ilustre cidadão de Bolonha, que se tornou Cavaleiro da Ordem de San Michele (Giovio, 1553/54).

[35] Segundo Matteo Bandello (cf. nota 2), ela nasceu por volta de 1470-1475 em Asti (Itália) e pertenceu a uma nobre família de sua cidade. Seu pai foi Scarampo (senador de Milão em 1476 e conselheiro secreto em 1479); sua mãe, Margherita. Quanto à vida de Camilla, as notícias são escassas. O que se sabe é que ela estudou latim e teve como mestre o humanista Giuliano Montano. Em 1500, Camilla casou-se com Ambrogio Guidobono (pretor de Gênova), com quem teve três filhos: Antonia, Nicolò Cesare e Fabrizio. Camilla foi uma grande poetisa, elogiada por Bandello, que até citou alguns de seus versos em seus sonetos (Tarsi, 2018).

[36] Camila, rainha dos Volscos, personagem do livro 9 da *Eneida*, de Virgílio.

[37] É uma cordilheira na região da Ática de Atenas, no centro-leste da Grécia. Segundo a mitologia clássica, o Himeto era habitado por abelhas que, além de se alimentarem em suas florestas, produziam o mais rico mel e a cera mais macia da Grécia (Chisholm, 1911).

[38] Musa da poesia erótica (Grimal, 1993).

[39] Poetisa bolonhesa e esposa de Baldassare Castiglione (cf. nota 29), nascida em 1499 e falecida em 1520 (Carnazzi, 1987).

[40] Escritor e diplomata italiano, autor do livro *O cortesão* (1528), nascido em 1478 e falecido em 1529 (Carnazzi, 1987).

[41] Rio da Gália (Cardinali, 1823).

[42] Poetisa e governante do Condado de Correggio, de 1518 a 1550, após a morte de seu marido, Gilberto X, conde de Correggio. Recebeu educação humanista, estudando latim, grego, filosofia, teologia e escrituras. Teve como mentor o humanista Pietro Bembo (1470-1547) (Robin, Larsen, & Levin, 2007).

[43] Rio na Beócia onde, de acordo com a *Teogonia* de Hesíodo, as Musas se banhariam; o que designou-lhes o epíteto de "Perméssides".

[44] Nascida em uma rica e nobre família de Agen (França), filha de Alain de Roques Lobejac e esposa de Júlio César Escalígero, com quem teve quinze filhos, dentre eles: Stephanus Sylvius Caesar Scaliger, Joseph Scaliger, Léonard Scaliger e Jean Constant Scaliger (Hall, 1950).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

leito sagrado. Não contemples os sinais divinos da minha glória, e os membros de Páfia[45] polidos com hábil mão. A madura sabedoria, misturada a rara confiança, produzirá sóbrias palavras com honrada aparência. Se, empreendidas coisas inalcançáveis, aquele [homem] indomável foi capaz de algo grandioso por mim, [é capaz de] poder sentir falta da sua pátria.

Laura Schiopa[46]

Se os ânimos nos faltam, a nós que te cantamos, Laura, ó grande honra e ornato do pátrio solo, não desprezes [nossos] trépidos dedos, nem a boca, nem a mente: todas as coisas que jazem submetidas por vosso lume. Eu teria ouvido a modulação da Lira, e os ritmos de [tu que] falas: e calcularia ser capaz de recolocar por meio de minhas melodias? Então, não vejo o reino da invicta Vênus, que brilha no [teu] rosto e escreverei? Se vejo, morri.

Lucrecia,[47] filha de Pirro Gonzaga[48]

Observa as luzes celestiais do vulto sidéreo, se, contudo, és capaz de suportar estes tamanhos fulgores. Retira as impetuosas torrentes da grandiloquente língua e, esquecido de ti, cuida para que não morras. Ela esgotará a alma, grave é a perda. Mas isto é mais grave: nunca, raptada, desejará retornar. Feliz, aquele a quem foi permitido sobreviver às agradáveis cadeias, se nenhum Deus pôde partir livre.

O irmão Nicolaus Salerno fala a Isabella Salerno [esposa] de Federico Malaspina.

Chorai, infelizes da terra: os Fados invejosos enriqueceram os ávidos Deuses com a vossa luz. Alegra-te, cognato limiar do estelífero Olimpo, que a magna nativa Isabella calca com o pé. Mas vós Manes celícolas, felizes numes, a quem as claras estrelas completam o seu número, aceitai estas dádivas mortais do irmão que chora: Ah! raro, ah! mísero irmão devido ao seu santo amor. A tal ponto que eu, superado o limite do derradeiro mundo rumo ao vazio, ah! agora nem a meus tetos, lares, chego? Como os viúvos Penates sem a ancestral luz. E [eu], despojado, serei forçado a buscar o meu eu em mim mesmo? Ó [tu] que, áurea, ocultas o fulgor de um divino vulto, terra do Polo, magna êmula por conhecidos méritos. Não de outro modo, puderas dominar outras regiões, a menos que tomasses tamanhos penhores em teu sacro seio.

Antonia

Eu, que agradei ao magno marido, enquanto vivi e, depois dele, assim haveria de agradar outros homens, agradei a mim mesma. É suficiente, uma única vez entre comodidades, ter esperado boa vida ou temido a má.**Cecília Bergamina**[49]
Cecília, todas as vezes que se vê no orbe do espelho, não é captada por outra luz: é toda sua. Como seja a única norma das belas coisas, assim, com mérito, pôde sozinha agradar a si mesma. É próprio das Musas: as Musas todas as vezes ensinaram àquele que canta. Mas, quando ela ensina, as Musas desejam ser dela. É raro que isto as

[45] Um dos vários epítetos de Vênus, que também era adorada na ilha de Pafos (Chipre), de acordo com Pausanias.

[46] Pode se referir a Laura Branzona Schioppa, amante de Dante III Alighieri (nobre, poeta e político italiano, filho de Pietro III Alighieri e descendente de Dante Alighieri – autor da *Divina Comédia*) a quem escreveu, em homenagem, algumas letras e um cancioneiro (Pelli, 1823).

[47] Nobre italiana (1499-1536), filha de Pirro Gonzaga e Antonia del Balzo, que foi casada com Francesco Maria I della Rovere, Duque de Urbino, sendo um casamento arranjado, apenas para fortalecer as relações políticas e a aliança entre duas nobres famílias. Era a sobrinha do famoso *condottiero* (líder militar) Francesco II Gonzaga, pertencendo assim a uma das famílias mais nobres e proeminentes da Itália Renascentista. Lucrecia teve um importante papel na corte de Urbino, influenciando em questões políticas e culturais. Após a morte do marido, em 1538, ela esteve por trás do governo de seu filho, Guidobaldo II della Rovere, até a sua morte aos 36 anos. Lucrecia é lembrada por ser uma nobre figura e conhecida por sua inteligência e influência política (Bettoni, 1822).

[48] Membro da família Gonzaga, uma das mais importantes famílias durante o Renascimento (Bettoni, 1822).

[49] Cecília Gallerani (1473-1536), a condessa Bergamina, casou-se com o conde Ludovico Carminati de Brembrila, conhecido como Ludovico Bergamini, em 1492. Mesmo com um casamento instável, Bergamina tornou-se amante do duque Ludovico Il Moro, com quem teve um filho, Cesare Sforza. Era uma poetisa, conhecedora da língua latina e frequentava círculos de poetas e intelectuais. Sua fama não se deu através de seus escritos, mas sim por ter sido pintada por Leonardo da Vinci, no retrato conhecido como a *Dama com Arminho*. Também foi retratada nos escritos de Matteo Bandello, que dedicou a Novela XXII da *Prima parte* (1554) a Cecília Gallerani (Bucci, 1998).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

Deusas tenham aprendido; mas aquilo é mais raro: pois faz melhor [do que] as Musas, quando canta ela própria.

Para Cassandra Fedele[50]

Se uma mulher não pode indagar a verdade, o que se oculta no seio e na decisão de Deus; nem revelar o Gênio da natureza no excelso céu; tu nunca foste mulher, mas eras homem. Ou se a divina força dará este encargo a uma única pessoa, é esta a que tens, tu a única dentre todas as mulheres; ou, se esta glória e dom de Deus é dado igualmente a todas, és Cassandra, a única o suficiente dentre todas as outras.

Beatriz de Aragão[51] [esposa] de Matias Scaligero,[52] conhecido como Corvino, rei da Hungria

Nada darás? Todas as coisas são devidas. Darás tudo? Este nada. O mais largo e maior entre todos os bens. O rei húngaro supera os outros nisto: ela [supera] o marido. Nem a Fortuna abateu sua mente, e o pio espírito. Hóspede em antiga pátria, não uma hóspede nela mesma. Toda uma única entre todos os outros, mas uma única sua. Isto novamente não é nada. Dá coisas terrenas, porque estas despreza. A verdade revela o céu, cuja imagem foi.

Adamantia e Junípera, irmãs de Catânia. E Angélica Libarda, filha de Constância Rangonia[53]

Quantas meninas a magna Rangonia destinou para si? Tantas pôde dizer que tinha como companheiras deusas. A radiante Adamantia igualou o rosto de Vênus. E ainda penso que até teria superado involuntariamente. Juno é Junípera: porém afável, doce e benigna, e, expulsa a antiga, quão bem digna de Júpiter? A violência oferece as forças de Palas[54] a Angélica, e ela mesma é a douta Minerva com diferente mão. Estas, elas. Mas quem propriamente é Rangonia? De fato, quem não é? Pois a ela nenhuma deusa foi igual.

Berenice Lodronia mãe[55]

Tudo que a raça e o sexo poderiam dar, eu possuía; mas as demais coisas que eu não podia suportar concedi. Do útero das armas e até de tão habilidosa língua surgiram milagres a ponto de poucos terem confiança. A nobreza, que não cede a ninguém em todo orbe, deveria partilhar estas coisas consigo e dar aquelas aos outros.

---

[50] Cassandra Fedele (1465-1558), grande humanista do Renascimento italiano, proveniente de uma família de intelectuais venezianos da classe média. Sua atividade intelectual focou-se, principalmente, em cartas e discursos, tanto para o povo quanto para a Universidade de Pádua. Fedele foi a maior humanista a alcançar notoriedade em seu tempo, tendo sua fama expandida para além de Veneza. Estudou latim e grego com o teólogo e humanista Gasparino Borro (1423-1498). Com 12 anos, ela dominava latim, retórica, história, alguns elementos de filosofia, e estudos sagrados (King, 2005).

[51] Também conhecida como Beatriz de Nápoles ou Beatriz de Aragão e Clermont (1457-1508). Foi consagrada duas vezes como rainha consorte da Hungria e da Boêmia, através dos casamentos com Matias Corvino e Vladislau II, os quais não tiveram sucessores. Recebeu uma boa educação na corte de seu pai, Fernando I de Nápoles. Como rainha da Hungria, Beatriz exerceu uma grande influência política e cultural no país, introduzindo o Renascimento italiano na corte da Hungria. Ademais, auxiliou nos trabalhos da Biblioteca Corviniana (uma reunião dos patrimônios de Corvino, uma coleção de crônicas históricas e de trabalhos científicos e filosóficos da Europa do séc. XV), construiu o palácio de Visegrado, criou uma Academia e esteve presente durante a assinatura do tratado de paz entre Matias e Vladislau II. Após a morte de Matias, Beatriz casou-se com Vladislau II, mas o casamento não foi reconhecido pelo papa, forçando a jovem a voltar para Nápoles onde permaneceu até sua morte (Marcek, 1991).

[52] Mais conhecido como Matias Corvino (1443-1490). Foi um dos reis mais importantes da Hungria, reinando de 1458 a 1490. Foi coroado, em 1469, como rei da Boêmia e governou Morávia, Silésia e Lusácia (Bako, 1973).

[53] Nobre italiana casada com o conde Cesare Fregoso, protetor de Matteo Bandello, homenageado no poema de abertura deste livro. Após a morte de seu marido, Rangonia e Matteo refugiaram-se em Agen. Ela conhecia Escalígero, e ele a celebrou em seus versos, não só neste livro bem como na obra *Thaumantia* (Balsamo, 2007).

[54] As forças de Palas Atena, isto é, a inteligência.

[55] Berenice della Scala (c. 1419 – 1479), mãe de Escalígero (Hall, 1950).

CC BY-NC-SA 2.5 AR

Referências Bibliográficas

Aquati, C. [et al.] (Trad.). (2017). *Metamorfoses*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Bako, E. (1973). *Guide to Hungarian studies*. Stanford: Hoover Institution Press.

Balsamo, J. (2007). *Poetes Italiens de La Renaissance Dans La Bibliotheque de La Fondation Publishing*. Burlington: Ashgate Publishing.

Berman, A. (2012). *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2.ª ed.). Traducción de Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan y Andreia Guerini. Florianópolis: Copiart/PGET-UFSC.

Berselli, C. (1978). *Castelgoffredo nella história*. Mântua: Gráfico Sometti.

Bettoni, N. (1822). *Dizionario biografico cronologico diviso per classi degli uomini illustri di tutti i tempi e di tutte le nazioni*: *Classe V – Donne illustri* (Vol. 2). Milão: s. n.

Brundin, A. (2008). *Vittoria Colonna and the spiritual poetics of the Italian Reformation*. Burlington: Ashgate Publishing.

Bucci, C. (1998). Gallerani, Cecília. En *Dizionario biografico degli italiani* (Vol. 21). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

Caldwell, R. (Trad.). (1987). *Theogony*. Nova York: Focus Publishing/R. Pullins Company.

Carnazzi, G. (1987). *Baldassar Castiglione, il libro del cortegiano*. Torino: Rizzoli.

Cardinali, F. (1823). Dei canali navigabili del Padre Don Paolo Frisi. En *Nuova raccolta d'autori italiani che trattano del moto dell'acque* (Vol. 6, p. 269). Bologna: Marsigli.

Chisholm, H. (1911). Aônia. En *Encyclopædia Britannica* (11.ª ed., Vol. 2). Cambridge: Cambridge University Press.

Chisholm, H. (1911). Bandello, Matteo. En *Encyclopaedia Britannica* (11.ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Chisholm, H. (1911). Hymettus. En *Encyclopaedia Britannica* (11.ª ed., Vol. 14). Cambridge: Cambridge University Press.

Cox, V. (2008). Women's writing in Italy, 1400–1650. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Delumeau, J. (1984). *A civilização do Renascimento* (Vol. 2). Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa.

Garin, E. (1986). *L’Umanesimo italiano. Filosofia e vita civile nel Rinascimento*. Roma: Einaudi.

Giovio, P. (1553/54). *Historiarum sui temporis tomus primus [et secundus]*. Paris: Vascosan.

Grimal, P. (1993). *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Hall, V. (1950). *Life of Julius Caesar Scaliger*. Filadélfia: The American Philosophical Society.

Jones, W. (Trad.). (1918). *Description of Greece*. Massachusetts: Harvard University Press.

King, M. (2005). Petrarch, the self-conscious self, and the first women humanists. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 35(3), 537–558.

Marcek, J. (1991). *Tři ženy krále Vladislava*. Praha: Mladá fronta.

Núñez González, J. M. (1991). *Ciceronianismo y latín renascentista*. Minerva.

Palmer, L. (1965). *Mycenaeans and Minoans* (2.ª ed.). Nova York: Alfred A. Knopf.

Pelli, G. (1823). *Memorie per servire alla vita di Dante Alighieri ed alla storia della sua famiglia* (2.ª ed.). Firenze: Presso Guglielmo Piatti.

Robin, D., Larsen, A., & Levin, C. (2007). *Encyclopedia of women in the Renaissance*: Italy, France, and England. Londres: Bloomsbury Academic.

Scaliger, I. (1600*). Iulii Caesaris Scaligeri: Viri clarissimi poemata omnia in duas partes divisa*. Bibliopolio Commeliano.

Sidwell, K. (2017). Editing Neo-Latin literature. En V. Moul (Ed.), *A guide to Neo-Latin*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tarsi, M. C. (2018). Scarampi, Camilla. En *Dizionario biografico degli italiani* (Vol. 91). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

Thamara Martins Santos de Morais

Doctoranda en Letras Clásicas por la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), donde desarrolla su tesis, titulada provisionalmente "Formación moral y cívica en Heroes y Heroinae, de Giulio Cesare Scaligero", bajo la dirección del Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz. En la misma institución, obtuvo el título de Máster en Letras Clásicas (2024) con la tesis "Las Heroinae de Giulio Cesare Scaligero: traducción y estudio introductorio", dirigida por el mismo profesor. Es licenciada en Letras: Portugués-Latín por la UFRJ, donde realizó su Trabajo de Fin de Grado (TFG), titulado "Las Heroinae de Giulio Cesare Scaligero: selección y traducción" (2019), también bajo la dirección del Prof. Dr. Fábio Frohwein. Asimismo, obtuvo el título de Grado en Letras: Portugués-Italiano por la misma universidad, con el Trabajo de Fin de Grado "De Heroides a Le nuove Eroidi: una reinterpretación femenina de los mitos grecolatinos" (2024), bajo la dirección de la Prof.ª Dra. Sonia Cristina Reis y la codirección de la Prof.ª Dra. Priscila Nogueira da Rocha. Actualmente, su investigación doctoral se centra en el Renacimiento italiano y está dedicada al estudio de dos obras poéticas en latín del escritor renacentista Giulio Cesare Scaligero. Es miembro e investigadora del Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN).

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Doctor en Literatura Brasileña y en Letras Clásicas por la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Profesor de Lengua y Literatura Latinas del Departamento de Letras Clásicas de la Facultad de Letras de la UFRJ. Profesor permanente y coordinador del Programa de Posgrado en Letras Clásicas de la UFRJ. Coordinador del proyecto de extensión universitaria Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas, desarrollado en colaboración con la Fundação Biblioteca Nacional. Coordinador del programa de extensión universitaria ALAcer: Ações com Livros em Acervos. Coeditor de la revista Calíope: Presença Clássica. Director del grupo de investigación Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional. Subdirector del grupo de investigación Crítica Textual da Fundação Biblioteca Nacional. Beneficiario de una beca del Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP-FBN) durante el período 2020-2021, con el proyecto de investigación «El glosario del silencio: palabras, expresiones, versos y poemas expurgados en la colección Ad usum Delphini». Sus principales intereses de investigación se centran en las doctrinas gramaticales del siglo XV, los fenómenos de transmisión de los textos latinos clásicos y la traducción de obras renacentistas escritas en latín. Actualmente, es beneficiario de una beca del Programa Jovem Cientista do Nosso Estado de la FAPERJ, con el proyecto «Latín para la alfabetización científica: una propuesta de enseñanza de la lengua latina como clave de acceso al lenguaje científico». Entre sus publicaciones más recientes y relevantes destacan: Sobre los estudios y las letras (Publicações NEC-FBN, 2026); El glosario del silencio: los albores de la censura en la edición impresa de textos clásicos (EdUFRJ, 2025); Sobre las palabras del habla romana (Publicações NEC-FBN, 2024); y «Latin is Alive in the Poet: The Presence of Latinity in Carlos Drummond de Andrade», en The Classical Tradition in Portuguese and Brazilian Poetry (Cambridge Scholars Publishing, 2022).

Taxonomía CrediT

Fábio Frohwein de Salles Moniz y Thamara Martins Santos de Morais contribuyeron por igual a la conceptualización, la investigación, la metodología, la redacción del borrador original, la revisión y la edición del artículo.

© De los textos: los autores

© De la edición: Universidad Nacional de Cuyo, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lenguas y Literaturas Clásicas.

Licencia CC BY-NC-SA 2.5 AR

Declaración sobre conflictos de interés: No hay conflictos de interés